



GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

ACERCA DA FUNDAMENTAÇÃO DAS RELAÇÕES DE SI: TRÊS POSSÍVEIS TEORIAS EM MICHEL FOUCAULT

DIRCEU ARNO KRÜGER JUNIOR¹

Resumo: No curso ministrado por Michel Foucault (1926-1984) no *Collège de France*, *A Hermenêutica do Sujeito* (1981-1982), é desenvolvida por ele uma teoria de que as “relações de si”, que incrementam a existência do sujeito, a fim de lhe proporcionar uma possibilidade de constituição ética, ou, na moldura grega, a consolidação de um *éthos*, são fundamentadas por três marcos históricos de sucessão: A) o platônico (reminiscência); B) o helenístico (autofinalização); e, por fim, C) o cristão (exegese e renúncia). Este aparato conceitual, assim como histórico defendido por Foucault, delineia sua argumentação de que as relações de si, os mecanismos referentes ao cuidado do indivíduo consigo mesmo e com os outros, foram demarcados por estes três momentos essenciais. Ou, possivelmente, uma espécie de confronto relacionado ao indivíduo e aos sistemas de poder os quais monopolizam a sua produção de subjetividades, reposicionando-o no complexo de normalização do *status quo*.

Palavras-Chave: Foucault. Ética. Relações de Si.

1 Universidade Federal de Pelotas - UFPEL

ABOUT THE RATIONALE OF THE RELATIONSHIPS OF SELF: THREE POSSIBLE THEORIES IN MICHEL FOUCAULT

Abstract: In the course taught by Michel Foucault (1926-1984) at the *Collège de France*, *The Hermeneutics of the Subject* (1981-1982), is developed by him a theory that «relationships of self», which enhance the existence of the subject, in order to provide you with a possibility of ethics, or, in the Greek border, the consolidation of an *ethos*, are substantiated by three landmarks of succession: A) the platonic (reminiscent); B) the hellenistic (self-finalization); and, finally, C) the christian (exegesis and resignation). This conceptual apparatus, as well as historic defended by Foucault, outlines its argument that the relationships themselves, the mechanisms relating to the care of the individual with himself and with others, were demarcated by these three essential moments. Or, possibly, a kind of confrontation related to individual and systems of power which monopolize the production of subjectivities, repositioning it in the complex of normalisation of the *status quo*.

Keywords: Foucault. Ethics. Relationships of Self.

INTRODUÇÃO

As configurações das relações de si delimitaram-se a partir de processos que buscaram capturar parte do espírito de uma determinada época histórica: da Antiguidade até mesmo à Contemporaneidade. Aliadas aos estudos da Filosofia, as relações de si foram uma tentativa do indivíduo, assim como de muito teóricos, de equiparar os processos racionais de produção de conhecimentos, as práticas de si mesmo como prováveis formuladoras de uma ética capaz de permitir ao sujeito conhecer-se (ao mesmo tempo em que este é sobrepujado por seu contexto moral). Nessa abordagem, Michel Foucault (1926-1984) concebeu três formas, as quais são compreendidas pelo autor como marcos históricos: que remontam aos processos do relacionar-se consigo mesmo abarcando uma parcela do pensamento, assim como a ressonância da aura de uma determinada época. Figuras como Platão, Sêneca, e, na mesma instância, Santo Agostinho, representaram esses momentos de maneira que seus aparatos conceituais possibilitaram vislumbrar, a partir do prisma foucaultiano, nuances de cada periodização histórica dos processos relacionais de si mesmo, cultuados pelo indivíduo durante a História da Civilização Humana.

O “momento platônico” materializa o primeiro processo discutido por Foucault em seu curso do *Collège de France: A Hermenêutica do Sujeito* (1981-1982), como o procedimento de relação de si que corresponde à reminiscência: a recordação

dos atos, das narrativas, dos vícios e das virtudes, são rememorações capazes de permitir ao ser humano enveredar seu caminho da constituição da ética de si mesmo, como ainda contrabalançar suas paixões e seus desejos, na empreitada, pela composição de sua “couraça ética”. Foucault, na tentativa de tornar mais pertinente sua investigação do momento platônico, retoma o diálogo platônico de *Alcibíades*, no qual o “retirar-se” do espaço social, o processo da anacorese, torna-se necessário para a tarefa de retomar os acontecimentos do dia, assim como os acontecimentos da vida, buscando na memória as ferramentas para o “cuidar de si”, à medida que a mesma metodologia também oportunizará o cuidar do outro.

A segunda categoria, correspondente ao “modelo helenístico”, vem a ser examinado por Foucault como o processo relacional de si com uma pretensão de autofinalização do sujeito, guiado, para esse intuito, por um diretor de consciência. Se o momento platônico não visava um “resultado” em *stricto sensu*, em relação ao indivíduo relacionando-se consigo mesmo, o modelo helenístico premedita uma autofinalização do sujeito, com a ajuda de um diretor, para encontrar uma verdade sobre si mesmo, verdade esta que representa a referida finalização. Foucault acredita que esse método dos helenísticos está comprometido com uma ascensão do indivíduo a sua própria alma, a sua própria subjetividade. Na concepção foucaultiana, Sêneca representa um dos exemplos que embasa essa relação do sujeito que examina a sua consciência, orientado por um diretor de mesma natureza, no caminho para se desvendar uma verdade e, dessa maneira, estabelecer um vínculo profundo com o intimismo obscuro de sua subjetividade (do sujeito), neste caso, sua alma.

E, por fim, o terceiro e último período, que poder ser compreendido como o “paradigma cristão”, o qual é um mecanismo das relações de si fundado em uma renúncia do indivíduo de si mesmo. Essa proposta, teorizada por Foucault, é argumentada como um dispositivo em que o indivíduo impõe a si mesmo um teste, no qual o mesmo é avaliado, da mesma forma que controlado por um diretor de consciência, na promessa de que o primeiro possa produzir uma verdade sobre si mesmo. A confissão, a título de exemplificação, é um dos procedimentos mais comuns no que tange ao arranjo conceitual proposto pelo paradigma cristão. Essa ideia da “verdade do indivíduo”, originada de uma renúncia aplicada sobre si mesmo, recrudescer a ideia de que o conhecimento só pode ser concebido a partir de uma abdicação profunda de quem se é: sendo este mesmo conhecimento obtido de uma figura mística e transcendental (Deus). O Filósofo Medieval Santo Agostinho poder ser vinculado como um dos artífices desse projeto analisado por Foucault em sua Filosofia. Para o Autor Francês, o pensador representa: um dos marcos históricos que é denotado no processo de nivelação do próprio desejo, da renúncia de si e da introspecção do indivíduo. Isso é, no ensejo, na perspectiva foucaultiana, de transforma-se a si mesmo em um “sujeito de verdade”.

Por conseguinte, pode-se conceber o momento platônico (reminiscência), o modelo helenístico (autofinalização) e o paradigma cristão (renúncia) como possíveis teorias que Foucault elenca como constituintes de uma (inexistente) concepção de desejo em sua obra. Sendo o desejo, um grande acervo de possibilidades no experimento do indivíduo de constituir-se eticamente.

1 AS RELAÇÕES DE SI

Na aula de 17 de fevereiro de 1982, do curso *A Hermenêutica do Sujeito*², Foucault estipula três demarcações históricas que, em sua concepção, emoldurariam a sua ideia referente às relações de si. Baseado em seu trabalho na década de 1980, seu retorno à Antiguidade, privilegiando os gregos e os romanos, o autor argumenta que os referidos marcos históricos (os períodos platônico, helenístico e cristão) delinearão a constituição do sujeito consigo mesmo, assim como a relação que este firma com os outros: “A toda ética corresponde à determinação de uma ‘substância ética’, quer dizer, a maneira pela qual um indivíduo faz de uma ou outra parte de si a substância principal de sua conduta moral” (REVEL, 2011, p. 59). Não apenas no que concerne ao exame de si mesmo, na autoconfissão, por exemplo, mas como no direcionamento de sua consciência (como o poder pastoral, a título de exemplificação, ou mesmo o vínculo entre confessor e confessando). Filosoficamente, a constituição ética de si mesmo, na perspectiva foucaultiana, materializa o que o autor compreende como o “real da filosofia” tal como ele expõe na aula de 16 de fevereiro de 1983 do curso *O Governo de Si e dos Outros* (1982-1983): “Quer dizer que é na relação consigo, no trabalho de si sobre si, no trabalho sobre si mesmo, nesse modo de atividade de si sobre si que o real da filosofia será efetivamente manifestado e atestado” (FOUCAULT, 2010b, p. 221). A relação de si consigo mesmo é necessária para, não apenas no que concerne à consolidação de uma identidade ética para o indivíduo da Antiguidade, mas como também recrudescer o vínculo que este tem com os seus semelhantes no espectro social.

1.1 O MOMENTO PLATÔNICO

O período platônico é representado nos estudos foucaultianos como a ocasião em que o indivíduo promove uma espécie de rememoração de todos os atos (virtuosos ou viciosos) de sua vida, engendrando nesse processo suas vitórias, desejos e até mesmo faltas. Ele diverge consideravelmente, a título de exemplificação, do “marco helenístico”, o qual se baseia em uma autofinalização do sujeito que perscruta um resultado de sua própria fundamentação ética, o que

2 Conferir a “Aula de 17 de fevereiro de 1982”, do curso *A Hermenêutica do Sujeito* (2010a, p. 221-257).

poderia ser concebido como uma categoria de verdade³. Verdade esta que será, conseqüentemente, exposta e avaliada pelo julgo da esfera pública. Na maneira como Foucault (2010a, p. 227) expõe na aula de 17 de fevereiro de 1982, do curso *A Hermenêutica do Sujeito*⁴:

No esquema platônico, a relação entre cuidado de si e conhecimento de si estabelece-se em torno de três grandes pontos fundamentais. Primeiro, é preciso cuidar de si porque se é ignorante. É-se ignorante, não se sabe que se o é, mas finalmente se descobre (precisamente na sequência de um encontro, de um acontecimento, de uma questão) que se ignora e que se ignora que se ignora. É o que se passa no *Alcibiades*⁵. Alcibiades era ignorante relativamente a seus rivais. Descobre, pela interrogação socrática, que ignora. Descobre até mesmo que ignorava a sua ignorância e que, por consequência, deve ocupar-se consigo mesmo para responder a essa ignorância, ou melhor, para por fim a ela.

É interessante enaltecer que o modelo platônico não se baseia em uma restrição das condutas, ou mesmo do próprio desejo individual, na tentativa de conceber um perfil ético com base em uma renúncia, como será evidenciado, séculos depois, no Período Cristão: “O sentido superficial e a significação profunda são produzidos em um conjunto específico de práticas históricas e só podem, portanto, ser compreendidos em termos dessas práticas” (RABIBNOW; DREYUS, 2013, p. 239). O próprio processo de rememoração dos atos e das faltas, no momento platônico, segundo Foucault, demonstra-se como eficiente na atitude de temperamento das virtudes e dos vícios. O cuidado de si, a concepção do indivíduo que cuida de si mesmo, como uma autêntica obra de arte, está ancorada em uma perspectiva de amparo da própria vida que visa, concomitantemente, um amparo para com a vida das outras pessoas. Portanto, cuidar de si mesmo, é condição *sine qua non* para cuidar

3 A verdade em Foucault é conceptualizada como um discurso produzido que tem suas regras constantemente ressignificadas. Como um contraponto a um protótipo cartesiano de verdade, como algo hiperbólico e definitivo, o autor francês teoriza que a sociedade Moderna e Contemporânea produz um número maximizado de verdades. Para um estudo mais abrangente sobre o assunto, acessar a aula inaugural do *Collège de France* de 02 de dezembro de 1970 *A Ordem do Discurso*: “Enfim, creio que essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional, tende a exercer sobre os outros discursos, estou falando de nossa sociedade, uma espécie de pressão e como um poder de coerção” (FOUCAULT, 2013, p. 17).

4 Na continuidade da aula de 17 de fevereiro de 1982, de *A Hermenêutica do Sujeito*, Foucault segmenta os outros dois momentos cruciais do “modelo platônico” das relações de si: a segunda ocasião, onde o indivíduo começa a conhecer a si mesmo (o que Foucault conceitua como “imperativo do conhecimento de si”), após iniciar o processo do cuidado de si e, por fim, a fundamentação da reminiscência: o ato de rememoração da alma sobre as ações, faltas, as quais compuseram a existência desta (2010a, p. 227-228).

5 O diálogo platônico *Alcibiades* é um dos textos base que serve como escopo de estudo foucaultiano de alguns cursos correspondentes à década de 1980 como: *Subjetividade e Verdade* (1980-1981) e *A Hermenêutica do Sujeito*. Alcibiades (450 a.C-404 a.C) era sobrinho de Péricles (495 a.C-429 a.C) e ambicionava ingressar na vida política da *polis* grega, sendo orientado por Sócrates (469 a.C-399 a.C) a cuidar de si mesmo e a esclarecer-se para o seu iminente ingresso no círculo político da Grécia antiga.

dos outros. Pois, um indivíduo que cuida bem de si mesmo, determinadamente cuidará bem dos outros. Na dimensão política da Antiguidade, exemplificando, este cuidado é primordial para a manutenção da harmonia da *pólis* e da cadência das relações entre os sujeitos. Como Foucault (2012, p. 98) expõe no segundo tomo da coleção *História da Sexualidade: O Uso dos Prazeres* de 1984:

A atitude do indivíduo em relação a si mesmo, a maneira pela qual ele garante sua própria liberdade no que diz respeito aos seus desejos, a forma de soberania que ele exerce sobre si, são elementos constitutivos da felicidade e da boa ordem da cidade. Essa liberdade individual, no entanto, não deve ser compreendida como a independência de um livre-arbítrio.

Um dos exemplos utilizados por Foucault, para concretizar sua concepção a respeito do cuidado de si, da mesma forma que de conhecimento de si, é o diálogo platônico relacionado ao *Alcibiades*. Na referida história, Sócrates começa um empreitada, aonde designa para si a tarefa de ser o preceptor de jovem Alcibiades⁶ para que este possa ascender à carreira política e tornar-se um grande governador na *pólis grega*: “A ética, tal como a entendiam os gregos, é um éthos, isto é, uma maneira de ser e conduzir-se” (CASTRO, 2016, p. 157). O Filósofo da Antiguidade é categórico ao afirmar que Alcibiades não sabe cuidar de si mesmo e, desse modo, não poderia cuidar e governar os outros. É quando Sócrates tornar-se o mestre do jovem aprendiz, proclamando este como seu discípulo: “E não ficou dito, também, que Alcibiades, o belo, filho de Clínia, ignorando a natureza do justo e do injusto, mas presumindo conhecê-la, pretendia apresentar-se à assembleia para dar conselhos aos atenienses a respeito de questões que ele nada entendia?” (PLATÃO, 2007, p. 249).

Na Antiguidade, não existe uma noção de subjetividade a qual envolva a problemática do cuidado de si entre os antigos, sendo a noção de *bíos*⁷, a própria vida,

6 Este diálogo de Platão (428/427 a.C-348/347) também pode ser examinado como uma espécie de metáfora ao estudo do desejo e da temperança do mesmo. Comenta-se que Sócrates era apaixonado por Alcibiades, entretanto só resolveu aproximar-se do rapaz quando este amadureceu e já não era mais cultuado por seus pretendentes como em sua juventude. Desse modo, Sócrates decidiu aproximar-se de Alcibiades apenas em sua maturidade como uma maneira de demonstrar que suas intenções eram legítimas e de cunho completamente pedagógico. A partir do vínculo firmado, Sócrates inicia um processo de renúncia em relação ao seu desejo pelo preceptor que ama, como uma forma de provar a si mesma ser capaz de preponderar seus interesses educacionais e profissionais, ao seu desejo amoroso por Alcibiades. Para mais informações, acessar o diálogo *Alcibiades* de Platão (2007, p. 233-288).

7 Na aula de 25 de março de 1981, do segundo curso ministrado nos anos 1980 por Foucault no *Collège de France, Subjetividade e Verdade* (1980-1981), o autor disserta sobre o que compreende como uma perspectiva de subjetividade arcabouço teórico grego da Antiguidade, comentando: “Parece que os gregos não sabiam o que é subjetividade ou que não tinham essa noção. Indiscutivelmente a noção que nós, hoje, temos de subjetividade não tem um correspondente exato no grego. Mas o que mais se aproxima do que entendemos por subjetividade é essa noção de *bíos*. O *bíos* é a subjetividade grega. E também aí, é claro, o que nos impede de compreender bem esse sentido do *bíos* é o fato de

que demarca o processo de constituição ética do sujeito grego. *Alcibiades* representa uma das materialidades do cuidado de si, conjuntamente ao conhecimento de si, que Foucault instrumentaliza para compor sua teoria de que a conceituação da liberdade do sujeito grego projeta-se nessa fundamentação de que cuidar, assim como conhecer si mesmo, na ausência de um ordenamento moral propriamente dito, concretiza a eticidade do indivíduo: “Não se deve fazer passar o cuidado dos outros na frente do cuidado de si; o cuidado de si vem eticamente em primeiro lugar, na medida em que a relação consigo mesmo é ontologicamente primária” (FOUCAULT, 2014a, p. 265)⁸. Comparativamente ao modelo cristão de relação de si, tendo seu ponto de ancoragem em uma renúncia do sujeito de si mesmo, o modelo platônico está centralizado em uma análise profunda da conduta do indivíduo ante toda a magnitude de sua existência: seus sonhos, seus desejos, suas ações, suas conquistas, suas derrotas, todas essas designações incrementam o projeto de arte que sustém a moldura de sua vida, de seu *bíos*. Foucault (2010a, p. 229) escreve na aula de 17 de fevereiro de 1982 do curso do *Collège de France, A Hermenêutica do Sujeito*:

Esses dois grandes modelos – o platônico e o cristão ou, se quisermos, o da reminiscência e exegese – tiveram, indubitavelmente, um imenso prestígio histórico que recobriu o outro modelo cuja natureza gostaria de destacar. Quanto à razão do prestígio desses dois grandes modelos, creio que pode ser facilmente encontrada no fato de que foram precisamente eles (modelo exegético e modelo de reminiscência) que se confrontaram um ao outro durante todo o decurso dos primeiros séculos da história do cristianismo.

A partir dessa concepção, Foucault observa que o processo de formação ética, relacionado ao modelo platônico, assume uma nova postura a partir do marco histórico cristão: o de uma direção de consciência orientada para a organização de uma cultura de si baseada na renúncia, na mortificação e na criação de epistemologias por meio de uma tecnologia de subjetivação direcionada por um confessor e na figuração de uma revelação direcionada a uma providência divina: “Se torna, então, um comovente romance metafísico de amor no qual a divindade e a humanidade se apaixonam uma pela outra, e o nó da intriga era o sacrifício involuntário para resgatar aqueles que acreditaram nele” (VEYNE, 2011, p. 109). Desse modo, pode-se refletir que o período helenístico revestiu de significação parte do que se conheceu

que para codificar e para pensar a subjetividade temos um contexto que podemos dizer cristão” (FOUCAULT, 2016, p. 227). Para um estudo mais completo, acessar a aula de 25 de março de 1981 do curso *Subjetividade e Verdade* (2016, p. 223-241).

8 Este texto, no qual constitui uma entrevista concedida por Foucault em janeiro de 1984, foi disponibilizada ao público um mês após a sua morte em julho de 1984. “A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade” é uma espécie de esboço o qual oferece um esboço dos dois segundos tomos da coleção *História da Sexualidade: O Uso dos Prazeres e O Cuidado de Si*, ambos publicados em 1984. O referido texto está presente no volume V da compilação: *Ditos e Escritos: Ética, Sexualidade, Política*.

como o “ascetismo cristão”, ressaltando que o helenismo constituiu o preâmbulo das relações do sujeito consigo mesmo na experiência de uma autofinalização visando à produção de um indivíduo fechado hermeticamente em si mesmo. Tal como Foucault (2010a, p. 231) expressa: “Converter-se a si mesmo implicaria ou demandaria uma tarefa que fosse fundamental, contínua, de conhecimento do que nós chamaríamos de sujeito humano, alma humana, interioridade humana, interior da consciência”. Isto é, sob a ótica de que os componentes cruciais, no que tange ao arranjo da relação do sujeito consigo mesmo, encontram-se diretamente no âmago do mesmo, ou seja, as ferramentas necessárias para a concepção de um indivíduo centrado em si próprio, com seus desejos temperados por uma “vontade de ferro”, direcionado à solidificação de um “bem pessoal” grandioso.

1.2 O MODELO HELENÍSTICO

Aproximando-se do “momento platônico” das relações de si, focado em um conhecimento inteirado da natureza do indivíduo, a partir da circunscrição deste, realizada sob um processo de rememoração, o “modelo helenístico” intersecciona o conhecimento de si com a conversão em si mesmo. Ou seja, uma espécie de resultado do processo de conversão que o ser humano estabelece com as práticas estoicas e epicuristas. Contrastando ao modelo cristão de relação de si, baseando em uma exegese, o objetivo traçado pelo momento helenístico intensifica-se em uma busca do sujeito por si mesmo, o que ocasiona uma conversão de si como o resultado almejado nessa metodologia. Segundo Foucault (2010a, p. 230): “Diferentemente do modelo cristão, o modelo helenístico não tende, absolutamente, à exegese de si nem à renúncia de si, mas ao contrário constituir o eu como objetivo a alcançar”.

Como aparato conceitual para a estruturação de sua ideia acerca do modelo helenístico, Foucault cita Sêneca (4 a.C-65)⁹ como um dos representantes deste sistema de autofinalização que identifica o referido processo de relação de si. De acordo com Foucault (2010a, p. 252): “O movimento da alma que Sêneca descreve através das imagens platônicas é, creio eu, muito diferente do que se encontra em Platão e procede de uma trama, de uma estrutura espiritual inteiramente

⁹ Sêneca, Filósofo Romano da Antiguidade, é um dos referenciais teóricos citados por Foucault no seu curso de 1981-1982 *A Hermenêutica do Sujeito*. Retomando a obra do autor romano *Cartas a Lucilius*, Foucault reflete sobre a importância de Sêneca como um dos grandes representantes da doutrina estoica, ou, como o autor francês o denomina: um “médico da alma”. Na aula de 20 de janeiro de 1982 do mesmo curso (2010a, p. 75-112), Foucault (2010a, p. 81) relata este trabalho de Sêneca como guia e orientador da alma, na tentativa de se atingir a ascensão do próprio eu: “Nas práticas de tipo individual, tomemos as relações de Sêneca e Serenus, quando Serenus consultando Sêneca no começo do *De Tranquillitate* escreve, supostamente ele ou talvez ele mesmo, uma carta a Sêneca na qual relata seu estado de alma e pede a Sêneca que lhe dê conselhos, emita um diagnóstico e faça para ele, de certa maneira, o papel de médico da alma”. Para uma análise mais completa do comentário de Foucault à obra *Cartas a Lucilius* de Sêneca, acessar o texto “A Escrita de Si” presente na compilação: *Ditos e Escritos*, vol. V: Ética, Sexualidade, Política (2014, p. 141-157).

diversa". Sobre o trabalho de Sêneca, na disseminação na doutrina estoica, pode-se vislumbrar parte de seus ensinamentos na relação que o autor romano firmou com Lucilius. No texto de 1983 *A Escrita de Si*¹⁰, Foucault (2014a, p. 155) comenta:

A carta é também uma maneira de se apresentar a seu correspondente no desenrolar da vida cotidiana. Narrar o seu dia, não absolutamente por causa da importância dos acontecimentos que teria podido marcá-lo, mas justamente quando ele não é semelhante a todos os outros, demonstrando assim não a importância de uma atividade, mas a qualidade de um modo de ser faz parte da prática epistolar: Lucilius acha natural pedir a Sêneca para lhe "prestar contas de cada um dos meus dias, e hora por hora". E Sêneca aceita essa obrigação de boa vontade, visto que ela o estimula a viver sob o olhar do outro sem nada ter a esconder.

Concebe-se, então, que a prática a qual emula o projeto do modelo helenístico da relação de si, é a interligação entre os personagens, tendo como exemplo Sêneca e Lucilius, e sua narrativa estipulada sobre o pilar da confiança no diálogo sobre as atividades cotidianas que embasam a existência de ambos. Diferentemente do momento platônico, onde a relação entre mestre e discípulo era baseada puramente na rememoração de ações e no fortalecimento do vínculo do indivíduo com a natureza, o modelo helenístico privilegia a narração dos fatos, dos sonhos, das acepções da alma, como oportunidade de se atingir o eu por meio da interioridade resguardada do sujeito. Interioridade esta, a qual tem a possibilidade de ser externalizada com o trabalho consagrado entre o narrador e aquele que escuta, seja por meio de uma carta, ou mesmo de uma conversa pessoalizada: "Como eu disse, a paixão e a razão não possuem sedes próprias, separadas e distintas, mas são uma mutação da alma para melhor e para pior" (SÊNECA, p. 60, 2014).

Analisando-se esse fragmento de Sêneca¹¹, é possível assimilar que o modelo helenístico sustenta-se a partir de um viés diretamente apoiado no balanceamento

10 Como partícula integrante do fundamento das relações de si, Foucault elenca a "escrita de si" como um procedimento também essencial a constituição ética do indivíduo da Antiguidade, interligando este método a anacorese (o isolar-se da comunidade e em si mesmo como um processo de depuração do próprio pensamento e do próprio ser) e áskesis (a busca pela verdade). O autor francês divide a escrita de si em dois momentos cabais: 1) os hupomnêmata: que consistem na escritura de cartas as quais relatam as banalidades do dia, ou até mesmo fragmentos de livros lidos pelo autor das cartas; Foucault comenta que Sêneca era um entusiasta desse tipo de escrita e orientava manter um discernimento entre a leitura e a escrita, não sobrepondo uma a outra; após: 2) a correspondência caracterizava-se como a troca de cartas entre os indivíduos, como uma maneira também de realizar um processo de análise profunda da própria alma: os correspondentes proferiam nas cartas seus sonhos, pesadelos, perdas, ganhos, vícios e também virtudes: "A escrita constitui uma experiência e uma espécie de pedra de toque: revelando os movimentos do pensamento, ela dissipa a sombra interior onde se tecem as sombras do inimigo" (FOUCAULT, 2014a, p.142). Para uma análise mais completa, acessar o texto "A Escrita de Si".

11 Foucault assinala Sêneca também como um dos autores que representam suas três classificações, quanto ao que concerne ao "exame" como um dos três processos de produção de saberes histórico (a medida e o inquérito são correspondentes aos primeiros processos na Antiguidade e no Período da Idade Média, consecutivamente). É importante ressaltar que esta forma

dos vícios e das virtudes, como procede na própria doutrina estoica. No momento platônico, a rememoração acaba por incrementar o processo de nivelamento dos vícios e das virtudes, mas no modelo helenístico, esse temperamento é o que definirá todo o argumento proposto para a autofinalização a qual deseja o indivíduo: “O domínio de aplicação do exame de consciência é o movimento da alma; há que determinar o que é necessário fazer para não cometer faltas ou se reconhecer se foram comentidas” (CASTRO, 2016, p. 159). Pois, para a pretensa ascensão de seu eu, o indivíduo institui um confronto com seus desejos o qual é necessário para que este seja dignificado no correspondente enfrentamento para objetivar sua relação consigo mesmo. Foucault (2010a, p. 272) mostra-se ciente disso quando, na aula de 24 de fevereiro de 1982, do curso *A Hermenêutica do Sujeito*, ele desenvolve sua tese acerca do arcabouço teórico que respalda o modelo helenístico de relação de si e, simultaneamente, de conversão de si:

O único elemento, afinal, em cujo interior podemos encontrar, ou em cujo fundo podemos estabelecer nossa identidade, é a virtude e, como bem sabemos, em função da doutrina estoica, a virtude é indecomponível. Indecomponível pela simples razão de que a virtude não é senão a unidade, a coerência, a força de coesão da própria alma. Ela é sua não dispersão. E também pela simples razão de que a virtude escapa ao tempo: um instante de virtude vale a eternidade. Portanto, é nessa coesão da alma indissociável, indivisível em elementos e que faz equivaler um instante à eternidade, é aí e somente aí que poderemos encontrar nossa identidade. Esse é, se quisermos, um tipo de exercício de decomposição do real, em função do instante e da descontinuidade do tempo.

Nesse enfoque, é plausível apreender que o modelo helenístico assentou o que se conheceu como o paradigma cristão de relação de si, concretizado a partir da renúncia de si mesmo, do exame e da direção de consciência e da confissão como extração da verdade imbuída na obscuridade íntima do indivíduo: “A obediência é e deve ser uma maneira de ser, anterior a toda ordem, mais fundamental do que toda situação de comando, por conseguinte, o estado de obediência se antecipa de certo modo às relações com outrem” (FOUCAULT, 2014b, p. 245-146). Se o padrão helenístico perfilava o indivíduo a contrabalançar seus vícios e suas atitudes, no relato libertário dos acontecimentos que envolviam a vivência diária de sua alma, no que resultaria na conversão de si mesmo e em sua autofinalização, o paradigma cristão delega essa função, agora, ao diretor de consciência e numa total renúncia de si mesmo por parte do indivíduo. Isto é, a possibilidade de se criar epistemologias, de se acessar a verdade, só é possível por meio do crivo rigoroso e imperioso da de exame aqui acentuada por Foucault, trata-se do “exame de si”, sendo distinto do exame como processo de constituição de saber ordenado na Modernidade e na Contemporaneidade. Existem três classificações para a técnica do exame de si: I) correspondência entre pensamento e realidade (Descartes); II) entre pensamento e regras (Sêneca); e, por fim III) correspondente ao pensamento oculto e a alma impura. Para um estudo mais detalhado acerca do tópico em questão, acessar o verbete “Exame”, no *Vocabulário de Foucault* de Edgardo Castro (2016, p. 157-169).

atitude cristão de renúncia, resguardo e de alcance extraordinário à providência divina.

1.3 O PARADIGMA CRISTÃO

Partindo-se do pressuposto de que o modelo helenístico erigiu os pilares do que se cimentou como “paradigma cristão”, é pertinente afirmar que a proposta de autofinalização defendida pela relação de si helenística, foi sucedida pela renúncia de si, pela mortificação e pela confissão como dispositivo para a apreensão da subjetividade do sujeito: “A confissão parece então valer tanto para o exame de consciência e para a confissão, no âmbito da pastoral cristã, quanto para a psicanálise” (REVEL, 2011, p. 22) . É importante ressaltar que o paradigma cristão, segundo Foucault, estabeleceu os princípios morais os quais vigoraram na Modernidade, assim como na Contemporaneidade, nos séculos XVIII e XIX, como uma possibilidade do indivíduo produzir uma verdade por meios dos sistemas de poder (escola, prisão, Igreja, fábrica, quartel militar). A confissão, como princípio cabal da projeção da verdade alojada no interior do indivíduo, definiu parte da produção de saberes a qual tornou-se vigorante com a ascensão do poder médico e psiquiátrico no fim da Idade Moderna e no decorrer da Idade Contemporânea. Na aula de 26 de março de 1980, primeiro curso ministrado nos 1980 por Foucault (2014b, p. 280) no *Collège de France: Do Governo dos Vivos* (1980-1981) é feita a seguinte análise:

É na medida em que devo renunciar inteiramente a minhas próprias vontades substituindo minha vontade pela vontade de outro, é porque devo renunciar a mim, que devo produzir a verdade de mim mesmo, e só produzirei a verdade de mim mesmo porque estarei trabalhando para essa renúncia a mim. A produção da verdade de si não é em absoluto polarizada, indexada à vontade de enfim estabelecer no ser que sou, mas ao contrário se quero saber o que sou, se devo produzir em verdade o que sou, é porque devo renunciar ao que sou.

O preceito cristão da relação de si é convencionado a modelar o indivíduo de acordo com o direcionamento de consciência¹² que este sofre por parte de seu

12 Na aula de 17 de março de 1982 (2010a, p. 371-406), que integra o curso do *Collège de France: A Hermenêutica do Sujeito*, Foucault diferencia os conceitos de ascetismo, de ascese, da mesma forma que o de ascética, na tentativa de entender como esses processos diferem entre si, assim como demonstrar as divergências entre: a renúncia de si, a perscrutação da verdade, de modo igual que a elevação espiritual. Foucault (2010a, p. 374) perfila esses três conceitos, escrevendo: “Gostaria de evitar, por um lado, empregar a palavra ‘ascetismo’ que, como sabemos, tem conotações muito particulares e se refere a uma atitude de renúncia, de mortificação, etc.; e não é disso que se trata, não de um ascetismo. Gostaria também de evitar um pouco a palavra ‘ascese’, que se reporta a um exercício particular, quer o comprometimento do indivíduo com uma série de exercícios dos quais ele poderá esperar ou o seu perdão, ou a sua purificação, ou a sua salvação, ou uma experiência espiritual qualquer, etc. [...] Ascética, isto é, o conjunto mais ou menos coordenado de exercícios

diretor, o que dialoga diretamente com o seu exame de si: “É assim, é assim, é assim também a alma humana: cega, lânguida, torpe e indecente, procura ocultar-se e não quer que nada lhe seja oculto. Em castigo, não se pode ocultar à verdade, mas esta se oculta a ela” (AGOSTINHO, 2015, p. 256).¹³ Dessa forma, pode-se presumir que a constituição ética do indivíduo, a qual era centrada unilateralmente no indivíduo no momento platônico e no modelo helenístico, agora é definida pelo vínculo pré-estabelecido entre o sujeito que se direciona ao seu diretor de consciência: “Deve-se, então, corrigir quem erra, seja pela advertência, seja pela força, seja branda, seja asperamente, e ele deve tornar-se melhor tanto para si quanto para com os outros, não sem castigo, mas sem ira” (SÊNECA, 2014, p. 65)¹⁴. Ou seja, sua verdade produzida é obrigatoriamente autenticada pelo ordenamento superior que lhe é imposto, pois sua legitimação depende crucialmente dessa ordem para que o indivíduo seja outorgado em seu processo de formação nos “jogos de verdade”: “Pertencemos a uma civilização inquisitória, que há séculos pratica, segundo formas cada vez mais complexas, porém todas derivadas do mesmo modo de extração, o deslocamento e o acúmulo de saber” (FOUCAULT, 1997, p. 22).

disponíveis, recomendados, até mesmo obrigatórios, ou pelo menos utilizáveis pelos indivíduos em um sistema moral, filosófico, ou religioso, a fim de atingirem seu objetivo espiritual definido”.

13 Santo Agostinho (354-430) poder ser assimilado como um dos exemplos que representam o “paradigma cristão” da relação de si no estudo de Foucault. Sendo Platão o representante do supracitado “momento platônico” e Sêneca como uma possível envergadura teórica que perfaz o “modelo helenístico”, Santo Agostinho, então, poderia ser demarcado como um dos referenciais teóricos provenientes do “paradigma cristão”, ou, em outros termos, como um dos marcos históricos erigidos por Foucault em seu estudo de *A Hermenêutica do Sujeito*. O Filósofo da Medievalidade: é designado como umas das estruturas teóricas que poderia idealizar um possível conceito de desejo (em Foucault). O Autor Francês conhecia a dificuldade de estimular uma espécie de marco histórico para periodizar a problemática do desejo (assim como a sexualidade) na História da Civilização Humana. De acordo com Santo Agostinho em sua obra *Confissões* (2015, p. 192): “A alma manda ao corpo, e este imediatamente lhe obedece; a alma dá uma ordem a si mesma, e resiste! Ordena a alma à mão que se mova, e é tão grande a facilidade, que o mandato mal se distingue da execução. E a alma é a alma, e a mão é o corpo! A alma ordena que a alma queira; e, sendo a mesma alma, não obedece”. Foucault relaciona Santo Agostinho como um de seus marcos históricos acerca o “acervo do desejo” em seu texto *O Combate da Castidade*: presente no quinto volume da compilação *Ditos e Escritos: Ética, Sexualidade, Política* (2014a, p. 102-115): “No que se refere à reflexão sobre as condutas sexuais, processos muito complexos se desenvolveram da época helenística a Santo Agostinho. Certos tempos fortes se destacam nesse período: na orientação de consciência estoicocínica, na organização do monaquismo. Vários outros também são decifráveis. Em troca, o advento do cristianismo, em geral, como princípio imperioso de uma outra moral sexual, em ruptura maciça com aqueles que precederam, quase não se deixa perceber. Como diz Peter Brown (1932), sobre o cristianismo na leitura da Antiguidade como um todo, é difícil estabelecer um cartografia do divisor de águas” (FOUCAULT, 2014a, p. 115).

14 É admissível inferir que Sêneca foi um dos primeiros autores pré-cristãos que formulou muito dos aspectos os quais determinariam as fundamentações do exame de si e da direção de consciência. Mesmo assim, é importante ressaltar que o autor não defende uma mortificação do próprio sujeito ante a uma busca por uma verdade que habita nas profundezas da alma do mesmo, como seria observado nos transcorrer da história no paradigma cristão.

A subjetividade individual é, no paradigma cristão, cooptada por esse sistema de poder, como uma maneira de obter do indivíduo a verdade de seu subconsciente, o qual deverá também sancionar um confronto consigo mesmo, mortificar-se, para obter a verdade em questão: “Há apenas uma distinção a fazer: por ‘terra visível e desordenada’ entende-se a matéria corporal antes de ser qualificada pela forma; e ‘por trevas sobre o abismo’ entender-se a matéria espiritual antes de Deus lhe reprimir aquela imoderação fluida” (AGOSTINHO, 2015, p. 330). E o autor conclui: “E antes de iluminá-la com a sabedoria” (*Idem*, 2015, p, 330).. Deste modo, resignar-se, renunciar a si mesmo, aos seus desejos, aos seus próprios anseios, estabelece-se como um dos primeiros processos de consignação da verdade no pensamento cristão. O que se coaduna com a ideia da Crisandade que o indivíduo só pode ambicionar o conhecimento por meio de uma revelação forjada por uma providência divina e metafísica: “Um mesmo dispositivo que constitui esses objetos, loucura, carne, sexo, ciências físicas, governamentalidade, faz do eu de cada um certo sujeito. A física faz o físico” (VEYNE, 2011, p. 179). No curso *Segurança, Território, População* (1977-1978), precisamente, na aula de 1º de março de 1978, Foucault (2008, p. 274) explica como se fundamentou parte da hegemonia do paradigma cristão nas relações de si:

O cristianismo, na medida em que o que o caracteriza, quanto às suas estruturas de poder, é o pastorado, o cristianismo é fundamentalmente antiascético, e o ascetismo, é, ao contrário, uma espécie de elemento tático, de peça de reversão pela qual certo número de temas de teologia cristã ou da experiência religiosa vai ser utilizado contra essas estruturas de poder. O ascetismo é uma espécie de obediência exasperada e contravertida, que se tornou domínio de si egoísta. Digamos que há um excesso próprio do ascetismo, um algo mais que assegura precisamente sua inacessibilidade por um poder exterior.

A partir deste trecho de *Segurança, Território, População* Foucault nos oportuniza observar, sob o prisma da teoria do paradigma cristão, como as relações de si na crisandade emolduram-se em uma espécie de obediência cega e desinteressada em relação aos outros indivíduos: “O exame e a confissão são as principais tecnologias para as ciências subjetivantes. Foi através dos métodos clínicos de exame e escuta que a sexualidade tornou-se um campo de significação e as tecnologias específicas se desenvolveram” (RABINOW; DREYFUS, 2013, p. 235). Se no momento platônico o indivíduo cuida de si mesmo, memoriza esse princípio, para também poder cuidar dos outros (ao mesmo tempo em que ele governa a si mesmo ele também aprende a governar os outros), e no modelo helenístico ele converte a si mesmo¹⁵ para atingir ao seu eu supremo e transcendental, no

15 Em seu livro *Humano, Demasiado Humano* (1878), Friedrich Nietzsche (1844-1900) redige um aforismo o qual trata das maneiras como o ser humano pode lidar com uma penosa adversidade em específico, proposta a qual é categorizada pelo mesmo autor com base em dois feitos. Nietzsche (2005, p. 79) sistematiza: “108. A dupla luta contra o infortúnio: Quando um infortúnio nos atinge, podemos superá-lo de dois modos: eliminando sua causa ou modificando o efeito que produz em

paradigma cristão ele procede em uma renúncia vertiginosa de si, para ascender à verdade superior disposta no vínculo que ele pleiteia na associação entre si mesmo e o seu diretor de consciência, com o auxílio onipresente da providência divina. De acordo com o que Foucault (2010a, p. 367) descreve na aula de 10 de março de 1982, do curso *A Hermenêutica do Sujeito*:

O cristianismo, por sua vez, irá desvincular a psicagogia da pedagogia, solicitando à alma, a alma que é psicagogizada, que é conduzida, que diga uma verdade; verdade que somente ela pode dizer, que somente ela detém e que não constitui o único, mas é um dos elementos fundamentais da operação pela qual seu modo de ser será modificado. É nisso que consistirá a confissão cristã.

Apoiado nessa premissa da renúncia do indivíduo de si mesmo, de quem de fato ele é, pois ele só pode se constituir a partir da ocasião em que ele se submeta à conjectura de um exame de consciência e de um diretor no mesmo nível, no rastreamento de sua verdade, irá se conceber o mito que circunda a problemática do desejo no indivíduo. Foucault nunca pretendeu desenvolver uma teoria a qual pudesse servir como uma espécie de “tecido teórico” para uma possível concepção do desejo. O que se pode inquirir é que, na medida em que o indivíduo renuncia ao seu próprio desejo, esse mesmo desejo é projetado como um possível meio de acesso a sua interioridade e, consecutivamente, a composição de sua feitura ética, sua prática de liberdade relacionando-se, também, à produção do artefato de sua verdade, a qual se configura como a provável captação de sua essência ontológica ante ao mundo que o cerceia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de Foucault, na investida de conceber três possíveis teorias para as relações de si, permite um aprofundamento do que se concebeu como o seu estudo da ética individual com especial exame nos modos de vida e de subjetivação gregos e romanos na Antiguidade. O indivíduo, para além de ser um mero conjunto de “micro-assujeitamentos”, também tem a oportunidade de constituir-se eticamente

nossa sensibilidade; ou seja, reinterpretando o infortúnio como um bem, cuja utilidade talvez se torne visível depois. [...] Quanto mais alguém se inclina a reinterpretar e ajustar, tanto menos pode perceber e suprimir as causas do infortúnio; o alívio e a anestesia momentâneos, tal como se faz na dor de dente, por exemplo, bastam-lhe mesmo nos sofrimentos mais graves”. No mesmo parágrafo, Nietzsche alude à religião, à arte, do mesmo modo que a metafísica, como possíveis estratégias para se lidar com esses infortúnios que afligem, ou podem vir a afligir o sujeito em alguma ocasião. Pode-se pressupor, que esse processo de ressignificação em Nietzsche, poderia também ser examinado por Foucault como uma outra possibilidade no que se refere ao exame de consciência, que não o mesmo processo encorajado apenas pelo pensamento cristão. Mas, um exame aonde o indivíduo pudesse, por conta própria, reinterpretar os próprios acontecimentos de sua vida, sejam eles bons ou maus, sem a intervenção de nenhum agente externo (como um diretor de consciência, exemplificando).

para além dos sistemas de poder que o controlam e o fazem produzir verdades de maneira contínua e ininterrupta.

O momento platônico permite a rememoração dos atos, das falhas, dos anseios que envolvem o espectro corporal e subjetivo do indivíduo, permitindo a este orientar-se e produzir-se como uma obra de arte genuína. O modelo helenístico promete ao indivíduo a conversão de si mesmo e o apogeu do eu, objetivando-o em seu próprio entorno, à medida que conhece as nuances de sua alma e aprende a temperar seus vícios e suas virtudes. E, por fim, o paradigma cristão, estabelecendo o conhecimento da subjetividade individual, como uma forma do sujeito arquitetar uma verdade sobre si mesmo, renunciando a quem de fato ele é, coibindo seu desejo e deslocando esse processo para o domínio de um diretor de consciência, na tentativa de galgar o conhecimento, sendo este protegido pela couraça da divina providência.

Dentre todas essas formas de relacionar-se consigo mesmo e de subjetivar-se, cabe ao indivíduo conhecer o seu próprio desejo, saber desvendá-lo e reposicioná-lo ante ao poderio ministrado pelos sistemas de poder, porque a liberdade pode apenas constituir-se como uma prática, devendo ser consolidada durante toda a vivência do indivíduo. Pois, constituir-se eticamente, também pressupõe conhecer seus modos de inteligibilização e apreender o mundo que se apresenta ao íntimo do indivíduo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Trad. de J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. 28 ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Trad. de Ingrid Müller Xavier. Revisão técnica de Alfredo Veiga-Neto e Walter Oman Kohan. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FOUCAULT, Michel. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Trad. de Andrea Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 3 ed. 3ª reimp. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.

_____. *O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)*. Trad. de Eduardo Brandão. 2ª reimp. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b.

_____. *História da sexualidade, vol. II: o uso dos prazeres*. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Revisão técnica de Augusto Guilhon Albuquerque. 13 ed. 3ª reimp. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

_____. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 23 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

_____. O combate da castidade (a) A escrita de si (b); A ética do cuidado de si como prática da liberdade (c). In: _____. *Ditos e escritos, vol. V: ética, sexualidade, política*. Trad. de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Revisão técnica de Manoel Barros da Motta. 3 ed. 2ª reimp. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a, p. 102-115 (a); p. 141-157 (b); p. 258-280 (c).

_____. *Do governo dos vivos: curso no Collège de France (1979-1980)*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014b.

_____. *Subjetividade e verdade: curso no Collège de France (1980-1981)*. Trad. de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Trad., notas e posfácio de Paulo César de Souza. 6ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PLATÃO. *Diálogos: Fedro, cartas, O primeiro Alcibiades*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. 2 ed. rev. Belém, PA: EDUFPA, 2007.

RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert L. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro; trad. da introdução por Antonio Cavalcanti Maia. 2 ed. ver. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

REVEL, Judith. *Dicionário Foucault*. Trad. de Anderson Alexandre da Silva. Revisão técnica de Michel Jean Maurice Vincent. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

SÊNECA, Lúcio A. *Sobre a ira; sobre a tranquilidade da alma: diálogos*. Trad., introdução e notas de José Eduardo S. Lohner. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

VEYNE, Paul. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Trad. de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.